

A Poética do Espaço e a Construção dos Lugares Públicos¹

Francisco Nascimento Oliveira
Arquitecto, Assistente da F.A.U.T.L.
fcoliveira@fa.utl.pt

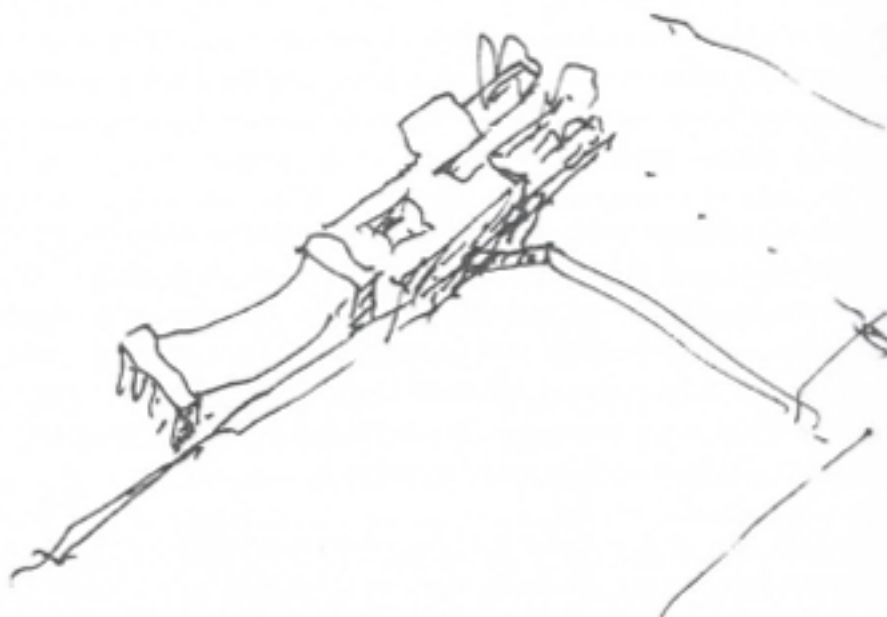


Fig. 1 EXPO '98 – Pavilhão de Portugal (Álvaro Siza - obra completa, Editorial Gustavo Gili S.A., Barcelona, 2000).

"... A criação arquitectónica nasce de uma emoção, a emoção provocada por um momento e por um lugar.

O projecto e a construção exigem dos autores que se libertem dessa emoção, num progressivo distanciamento – transmitindo-a inteira e oculta.

A partir daí, a emoção pertence aos outros...."

(Álvaro Siza, Porto, 10 de Dezembro de 1992)

Resumo

A procura do sentido profundo do *lugar*, partindo de uma aproximação topogenética, constitui-se como estratégia de criação fundamentada e rigorosa, onde uma arquitectura e por extensão a cidade, fortemente relacionada com o contexto, poderá refundar os princípios de vivência contemporâneos, estruturando o equilíbrio e harmonia do território urbano. Contrariando as forças de uma globalização galopante e desterritorializada, reencontra-se um sentido de respeito por uma realidade dialogante e preexistente. Esta nova orientação de modernidade pretende compatibilizar a liberdade de criação com os fluxos de continuidade e tradição que envolvem o criador, permitindo o desenvolvimento de atitudes dialógicamente estruturadas.

¹ A partir de um texto de crítica arquitectónica realizada no decurso do programa de Doutoramento da ETSAB-UPC, no âmbito da disciplina de Proyecto y Contexto Cultural, leccionada pelo Professor Catedrático Josep Murtañola Thorberg, durante o ano lectivo 2000-2001.

Palavras-Chave: Poética do espaço, Espaço público, Topogénese, Lugar.

Topogénese e a Poética do Lugar

O entendimento desta concepção do mundo estabelece-se sobre uma clara fundação ética, onde os princípios de respeito e reconhecimento entre o sujeito e o outro se transfiguram numa apropriação da realidade cultural com um entendimento dos hábitos e costumes para que de forma fundada se estabeleçam as relações de criação apropriadas a uma dialéctica do lugar.

"El principio arquitectónico supremo del mundo real es la contraposición operativa entre yo y el otro. Lejos de destruir la unidad del significado de este mundo, este principio, más bien, la eleva hasta el nivel de la unicidad de acontecimiento irrepetible" (Mikhail Bakhtin).²

A estruturação do pensamento organiza-se assim no entendimento de uma poética da arquitectura em diálogo permanente com as questões éticas, onde a lógica do projecto é absolutamente indissociável destas. A criação de uma poética em arquitectura nasce da dualidade entre a sensação e a imaginação, conformando o projecto e o conhecimento, dando forma a uma estética. O entendimento da realidade arquitectónica passa pela compreensão de que não se poderá entender o todo partindo de uma análise parcial da realidade.

Os códigos e as leis articulam a linguagem como uma lógica própria do ser, como paradigma da sua identidade, sendo nela que se vincula o lugar como uma lógica externa, como relação inscrita no território. A poética arquitectónica não se limita a criar o invólucro para as acções, tenta recriar as próprias acções e desejos de quem as irá habitar, fortalecendo assim os laços entre esta e os seus utilizadores. O projecto funciona como motor para o entendimento da realidade, onde este para além de explicitar, molda também o seu desenvolvimento futuro.

"Si nada es dado y todo se construye, el futuro no nos sería dado por el presente." (Pierre Pellegrino).³

Contudo o peso da história de um lugar, e o projecto que o tornará sitio, não se conformam numa mesma temporalidade, enquanto um se acaba por esgotar pelo processo histórico, o outro reinventa a história, abrindo as portas a novas formas de reavaliar esse lugar agora feito sitio, para de novo vir a ser lugar. O tempo e a forma de este actuar sobre as existências modela as relações com a temporalidade contextual, a ponto de se tornar fundamental para o entendimento de todo o fenómeno da criação arquitectónica.

A procura dos fundamentos de uma dialogia entre o texto e o contexto, por oposição a uma arquitectura monológica onde não existe uma relação entre aquele que cria e o que a usa, entre o Eu e o Outro, torna-se uma das principais preocupações e desígnios desta atitude. O contexto revela-se assim como gerador de interacções dialógicas, onde o texto se instala para revelar os seus propósitos. O corpo capta os impulsos condicionados de um argumento espacial complexo,

² Referência a Mikhail Bakhtin, proferida por Josep Muntanola Thornberg, "El eslabón perdido entre la arquitectura y la vida dialógico-social", AAW (actas do congresso internacional), *El Futur de l'Arquitecte (Ment, Territori, Societat)*, Barcelona, Departament de Projectes d'Arquitectura, 2000, p. 7.

³ Fragmento do Prólogo de Pierre Pellegrino à primeira edição em francês do livro: Josep Muntanola Thornberg, *Topogénese – Fundamentos de una Nueva Arquitectura*, Barcelona, Edicions UPC, 2000 (1ª edição 1996), p. 12.

onde os modos de percepção do interior/exterior dos edifícios modelam e reinventam de forma intencional a relação entre este e o lugar feito sítio.

O lugar é uma envolvente lógica, contando que este compreenda uma regra racionalizável. O lugar é ético, porque deverá albergar todos os usos possíveis independentemente de quem os pratique. O lugar é estético quando suporta algo que vá mais além do que a evidência imediata. Todo o lugar construído implica necessariamente uma lógica, existem regras fundamentais para que este se estruture, há questões de ordem prática que obrigam a fundamentos básicos para a criação arquitectónica, as questões de ordem funcionalista impõem-se. É o uso das coisas que imprime o tempo no espaço, vagueando ao sabor da variante dos quotidianos, transformando os edifícios e as cidades em impressões indeléveis da realidade e intensidade do querer existir. O entendimento da dimensão ética do lugar, surge do respeito perante as preexistências e envolvente, a modo de permitir que estas coexistam numa estima mútua. Afirmando laços de afectividade e memória fundamentais para as identidades culturais dos povos. O lugar é estético pois ao ser palco da vida, o espaço arquitectónico coloca-se entre os sujeitos e os objectos, formalizando diferentes espacialidades de acordo com os usos e os utilizadores. Registando diferentes emoções de acordo com as variáveis em jogo neste palco de diversidade. Mas existe também uma ética da estética, onde de facto se pretende entender que também as questões estéticas se poderão conformar de acordo com as perspectivas éticas de organização, predeterminando aquilo a que se poderá chamar de "parâmetros de normalidade".

"En la relación del cuerpo con el espacio, el edificio no es el único lugar arquitectónico. Todo el contexto es arquitectura." (Pierre Pellegrino).⁴

A arquitectura ao articular o físico e o geométrico, formaliza sistemas de referência, na dialogia das articulações espaciais.

"La triple arquitectura del tiempo y de las tres dimensiones dialogicas sociales son los dos pilares básicos de las cadenas de la vida. Albert Einstein probablemente no era consciente del pasmoso poder de sus propias teorías. Así que estamos en los principios de una teoría relativista de los valores universales arquitectónicos de nuestras, en las cuales la diversidad es la condición de la universalidad y la universalidad una condición de la diversidad. No obstante, tratamos, los arquitectos, con poderes sociales, mentales y naturales, como lo hace nuestro cerebro, y no solamente con poderes naturales o técnicos, como lo hacen nuestras máquinas. Una arquitectura de la responsabilidad humana dialógica es mi sueño, y creo que ha sido también el origen de todos los sueños de los seres humanos a lo largo de la historia." (Josep Muntanola).⁵

⁴ Ibidem.

⁵ Josep Muntanola Thormberg, "El eslabón perdido entre la arquitectura y la vida dialógica-social", AAVV (actas do congresso internacional), *El Futur de l'Arquitecte* (Ment, Territori, Societat), Barcelona, Departament de Projectes d'Arquitectura, 2000, p. 7.

Os lugares ao sustentarem a complexidade das coisas, formalizam-se como fundamento para uma relação entre o sujeito e a história, assumem-se como síntese complexa de vivências e registos.

A Semântica do Espaço Urbano

A cidade pode descrever-se em dois planos, um é o plano “reducionista” onde podemos encontrar as ruas, as praças, etc... O outro é o plano “semântico” ou seja o plano do sentido estruturado da informação contida. A cidade é assim uma estrutura de informação com um propósito, com uma lógica implícita, em que o seu todo é bem maior do que a mera soma das partes, em que o seu todo nem sequer tem “consciência” da existência e funcionamento de cada uma das partes que a constitui. A questão assume-se pela distinção entre a análise reducionista do espaço, centrada apenas na sua materialidade física, nas suas partes constituintes aquilo a que podemos designar de *hardware* e a visão semântica, afirmada na leitura do seu todo na abordagem das mensagens implícitas ao longo do tempo, da forma e da vivência e que corresponderá ao *software*.

Analisar apenas o *hardware* da cidade é insuficiente e redutor da sua real identidade. Neste sentido, a visão que se propoem, introduz através da emergência do conceito do lugar, promover uma semântica do espaço urbano, que complemente a visão física do contexto. Retomando Josep Muntàñola Thornberg o contexto correspondente à parte física e material da cidade (o *hardware*) revela-se como gerador de interações dialógicas, onde o texto, o conteúdo (o *software*) se instala revelando intencionalidade e promovendo identidade.

Abordar esses conteúdos, sistematizando indoles de presença, nas três vertentes: histórica, morfológica e vivencial, assume-se como pressuposto privilegiado, na construção da identidade da cidade, formalizada na expressão de impressão digital urbana. Nesta lógica a semântica da cidade expressa-se na abordagem dos seus cheios e dos seus vazios. Por analogia a identificação do *software* da cidade e dos seus espaços urbanos, formalizada nas suas memórias, sendo imprescindível o sujeito como autor e descoficador desses registos. Neste sentido o espaço público, assume-se como uma espécie de memória ROM – *Read Only Memory*, que corresponde à que fica “gravado para sempre”, ao que é estável, em complemento com a RAM – *Random Access Memory*, que corresponde ao que é volátil...

Bibliografia

- AAV, *Congrés Internacional: El Futur de l'Arquitecte (Ment, Territori, Societat)*, Ediciones UPC, Barcelona, 2000.
- THORNBURG, Josep Muntàñola, *Arquitectura: Texto y Contexto*, Ediciones Virtuales UPC, Barcelona, 1999.
- THORNBURG, Josep Muntàñola, *Comprender la Arquitectura*, Editorial Teide-Barcelona, Barcelona, 1985.
- THORNBURG, Josep Muntàñola, *Poética y Arquitectura (una lectura de la arquitectura posmoderna)*, Ediciones UPC, Barcelona, 1996.

- THORNBURG, Josep Muntanola, *Retórica y Arquitectura*, Blume, Madrid, 1990.
- THORNBURG, Josep Muntanola, *Topogénesis Uno Ensayo Sobre el Cuerpo y la Arquitectura*, Oikos-Tau, Barcelona, 1979.
- THORNBURG, Josep Muntanola, *Topogénesis Uno Ensayo Sobre la Natureza Social del Lugar*, Oikos-Tau, Barcelona, 1979.
- THORNBURG, Josep Muntanola, *Topogénesis Dos Ensayo Sobre la Significacion en Arquitectura*, Oikos-Tau, Barcelona, 1984 (1ª edição 1980).
- THORNBURG, Josep Muntanola, *Topogénesis – Fundamentos de una nueva arquitectura*, Ediciones UPC, Barcelona, 2000.